



Babushka

Mili Bursztyn de Oliveira Santos*

Universidade Federal Fluminense (UFF) | Niterói, Brasil

milimilib@gmail.com

Atrás da mesa de jantar do apartamento dos meus avós, sobre um imenso buffet de estilo moderno, havia um nicho embutido na parede. O fundo do nicho era revestido por um espelho diante do qual eu costumava parar para observar os ambientes e as pessoas nele refletidos. O nicho tinha três prateleiras de vidro e, na mais alta de todas, minha avó guardava uma boneca *babushka*. Às vezes, para a minha felicidade, minha mãe descia a *babushka* lá do alto para brincarmos. A *babushka* da minha avó era composta de oito bonecas pintadas à mão, como manda a tradição. Da maior para a menor, pouco a pouco, os detalhes da pintura iam desaparecendo: o estampado alegre dos trajes típicos cedia lugar a tons mais sóbrios, enquanto os contornos dos rostos corados gradativamente empalideciam, até se converterem em traços de formas simplificadas.

No verão de 1995, morei durante um curto período com meus avós no apartamento de Copacabana. Da esquina da Tonelero com a Mascarenhas de Moraes até a Siqueira Campos, o bairro se limitava para mim a cinco quarteirões. Foi somente depois, com a inauguração da primeira estação de metrô, que incorporei a praça Cardeal Arco Verde aos meus domínios territoriais. A Copacabana da minha infância era quente, úmida, abafada e tumultuada em qualquer época do ano. Ainda custo a acreditar que meu avô pudesse reconhecer, em meio à massa de pessoas que cruzavam o nosso caminho no trajeto até a orla, o rosto envelhecido de algum amigo de infância, colega da escola judaica em Ostrowiec, Polônia. Depois da sua morte, tentei encontrar, em vão, a fotografia de turma que ele me mostrou um dia como prova de suas lembranças. Insisti muitas vezes com minha mãe, mas ela sequer conhecia sua existência. Finalmente, aceitei o fato de que se tratava de uma imagem construída a partir dos relatos minuciosos que meu avô fazia de seu passado. Qual não foi minha surpresa quando, anos mais tarde, encontrei impressa na página de um livro de capa vermelha a fotografia em preto e branco de um grupo de crianças posando diante de um prédio em construção. Na legenda, o autor descrevia a cena: “Visão global da Escola Mirzrach, de Ostrowiec”, onde me encontro entre alunos e professores comemorando o novo prédio em construção (em 1926)”. Lá estavam as paredes de tijolos claros, as vigas de

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Cinema da Universidade Federal Fluminense (PPGCINE/UFF), produtora e assistente de direção em cinema e TV.



madeira do telhado, ainda aparentes, os rostos minúsculos de dezenas de crianças, indistinguíveis.

Há alguns dias resolvi abrir novamente a *babushka* da minha avó como exercício de rememoração e escrita. Levei três dias até conseguir afrouxar o encaixe que liga as duas partes do tronco da primeira boneca. Pela dificuldade que foi separá-las, julguei mais prudente não as fechar de imediato. Remontei as partes superiores e inferiores da *babushka* de forma a manter as duas metades soltas. O corte transversal no abdome acabou por revelar sua anatomia singular. Vista do interior, as bonecas formam um conjunto de círculos que lembram os anéis de crescimento de uma árvore. Certa vez, li em um livro sobre uma cultura indígena em que a figura do narrador é representada por um homem, ou uma mulher, grávido de muitas pessoas. Nas palavras do autor, o narrador estaria “todo brotado de pessoinhas”. Talvez por isso, meu avô tenha reconhecido, em uma das nossas últimas conversas, que eu já lembrava melhor que ele.

Recebido em: 10/07/2020.

Aprovado em: 17/07/2020.